



Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária E Literaturas - TEL

DANIELA MIRANDA DA SILVA OLIVEIRA

**O *BILDUNGSROMAN* FEMININO DE JORGE AMADO:
*TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA***

ORIENTADOR: DR. EDVALDO BERGAMO

BRASÍLIA – DF

2012

DANIELA MIRANDA DA SILVA OLIVEIRA

**O *BILDUNGSROMAN* FEMININO DE JORGE AMADO:
*TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA***

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Dr. Edvaldo Bergamo.

BRASÍLIA – DF

2012

Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária E Literaturas - TEL

OLIVEIRA, Daniela Miranda da Silva. *O Bildungsroman feminino de Jorge Amado: Tereza Batista cansada de guerra*. Monografia de Graduação. Brasília: TEL/IL/UNB, 2012.

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Aprovada por: Professor Dr. Edvaldo Bergamo

BRASÍLIA – DF

2012

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo estudar a representação feminina na obra do autor baiano Jorge Amado, mostrando o papel da mulher na sociedade. Foi feito um brevíssimo resumo da trajetória literária de Jorge Amado, na tentativa de dar um panorama geral da obra do autor. Analisamos de maneira mais geral a relação mulher e sociedade com as personagens Lívia, de *Mar Morto*; Ester, de *Terras do sem-fim*; Gabriela, de *Gabriela, cravo e canela*; Dona Flor, de *Dona Flor e seus dois maridos*; e Tieta, de *Tieta do agreste*. Mas o foco desta dissertação será a personagem Tereza, de *Tereza Batista cansada de guerra*. Analisamos este romance de acordo com a tradição do *Bildungsroman*, relacionando as características presentes no *romance de formação* masculino e demonstrando que elas também estão presentes no *romance de aprendizagem feminino Tereza Batista*. Discutiremos a relação da mulher com a sociedade a qual pertence, mostrando as dificuldades encontradas pelo gênero feminino em sua busca pela felicidade.

Palavras-chave: representação feminina, Jorge Amado, Tereza, *romance de formação*, *Bildungsroman*, sociedade.

ABSTRACT

This monograph aims to study the representation of women in the work of the author Jorge Amado (born in Bahia, Brazil), showing the role of women in society. It was made a brief summary of Jorge Amado's literary journey in an attempt to give an overview of the work of the author. It was analyzed more generally the woman's relationship in society and the characters like: Livia, de *Mar Morto*; Ester, de *Terras do sem-fim*; Gabriela, de *Gabriela, cravo e canela*; Dona Flor, de *Dona Flor e seus dois maridos*; e Tieta, de *Tieta do agreste*. But the focus of this dissertation is the character Tereza, *Tereza Batista cansada de guerra*. We analyzed this novel according to the tradition of the *Bildungsroman*, relating the features present in the male's *romance de formação* and demonstrating that they are also present in the *romance de aprendizagem female* of *Tereza Batista*. We will discuss the relationship of women with the society which they belongs, showing the difficulties encountered by females in their quest for happiness.

KEY-WORDS: representation of women, Jorge Amado, Tereza, *romance de formação*, *Bildungsroman*, society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 JORGE AMADO E O ROMANCE DE 30.....	9
2 A SEGUNDA FASE DA LITERATURA DE JORGE AMADO.....	15
3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA OBRA DE JORGE AMADO.....	18
4 O COMPORTAMENTO FEMININO REPRESENTADO NA LITERATURA.....	23
5 A AFRODESCENDENTE NA LITERATURA BRASILEIRA.....	24
6 DONA FLOR E A VALORIZAÇÃO DA MISCIGENAÇÃO.....	28
7 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA DE JORGE AMADO.....	30
8 A TRADIÇÃO DO <i>BILDUNGSROMAN</i> NA LITERATURA.....	36
8.1 O <i>BILDUNGSROMAN</i> FEMININO DE TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Foram muitas as contribuições do escritor baiano Jorge Amado para a literatura brasileira, ou melhor, para a cultura brasileira. Aclamado pelo povo e criticado no meio acadêmico, Jorge Amado é um dos escritores brasileiros mais publicados no exterior, seus livros foram traduzidos para 49 idiomas. Ao mesmo tempo em que se tornava um autor de sucesso no país, Jorge Amado era consagrado pelo povo, pois seus personagens eram tipos bem populares. O autor tinha facilidade para trabalhar mesclando o erudito e o popular em seus livros.

Jorge Amado de Faria nasceu no dia 10 de agosto de 1912, em Ferradas, distrito de Itabuna, no sul da Bahia. Aos dezenove anos, publicou seu primeiro romance, *O país do Carnaval* (1931), queimado anos depois em praça pública por ter sido considerado material subversivo pelo Estado Novo. Participou do movimento dos anos 30 conhecido como “romance do Nordeste”, ao lado de escritores como Graciliano Ramos, Raquel de Queirós e José Lins do Rego, dando voz aos excluídos e marginalizados.

Sempre representando a força feminina em suas obras, principalmente a partir da segunda fase de sua literatura, Jorge Amado publica em 1972, *Tereza Batista cansada de guerra*, pela Livraria Martins Editora. A protagonista, uma heroína afrodescendente, se uniria ao rol das outras figuras femininas criadas pelo autor. Tereza Batista representa a revolta feminina, a mulher que recusa as imposições da sociedade machista, que não aceita ser objeto e que luta por sua independência e liberdade. A personagem ganhou fama internacional e a sede do Clube Feminista Italiano, em Milão, é chamada Casa de Tereza Batista, desde 1977. Quando o romance foi lançado, Jorge Amado já era muito popular, talvez mais famoso que o próprio presidente da República da época.

Os livros de Jorge Amado foram adaptados para o cinema, teatro e televisão, além disso, o autor foi tema de escolas de samba no Rio de Janeiro e do carnaval de Salvador. Recebeu vários prêmios

nacionais e internacionais por suas obras. A história de Tereza foi adaptada para a televisão por Vicente Sesso, e a minissérie exibida pela rede Globo em 1992, Tereza foi interpretada pela atriz Patrícia França. Em agosto de 2012 será comemorado o centenário de Jorge Amado.

Este trabalho se justifica pelo esforço realizado para analisar, e compreender as transformações sofridas pelas personagens femininas representadas na obra do escritor Jorge Amado. Especificamente trata do *romance de formação* de *Tereza Batista cansada de guerra*, exemplificando e mostrando porque este é um *romance de aprendizagem* feminino vitorioso.

1 JORGE AMADO E O ROMANCE DE 30

O “romance do Nordeste”, como ficou conhecido, transformou o regionalismo quando substituiu a visão paternalista e exótica de antes por uma posição crítica e agressiva, assumindo algumas vezes a visão do espoliado, e fazendo uso de um vocabulário e de situações mais realistas. A partir dos anos 30, houve um movimento de renovação na literatura brasileira, principalmente no romance que começava a ser ampliado e consolidado. Escritores como Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, José Lins do Rego e Jorge Amado fizeram parte deste movimento. As ideias políticas advindas do marxismo e de outras correntes acabaram influenciando estes autores que viam na escrita um meio para transformar a sociedade brasileira. Eles estavam construindo uma nova maneira de escrever, o que só foi possível graças à liberdade artística e literária conquistada pelos modernistas da década de 20. Alguns autores desse período utilizavam soluções antiacadêmicas e modos populares em suas obras, como forma de demonstrar sua posição politicamente radical. Estavam conscientes da sua contribuição ideológica, mas não tinham muita consciência daquilo que traziam como renovação formal para a literatura brasileira. A partir dos anos 30, os escritores vão procurar sentir o povo brasileiro, dando sentido humano ao programa estético da semana de arte moderna. Nos escritores da geração de 30 ganha ímpeto o movimento de “*desliterarização*”, com a “quebra dos tabus de vocabulário e sintaxe, o gosto pelos termos considerados *baixos* e a desarticulação estrutural da narrativa”. (CANDIDO, 1989, p. 205)

Candido (1945, p. 48) afirma que, “A força do romance moderno foi ter entrevisto na massa, não *assunto*, mas realidade criadora”. O escritor baiano Jorge Amado se apresentou de maneira muito característica no trabalho de revelação do povo como criador, pois soube penetrar na poesia do povo e trazer o trabalhador rural e o urbano, o negro e o branco, para a sua arte. Jorge Amado deu existência estética e literária aos negros da Bahia e do Brasil,

transformou-os em personagens poéticos e não mais bestializados como eram retratados no período naturalista. Foi o maior romancista do amor porque falou não só do amor dos ricos e dos brancos, mas também do amor dos pobres e dos negros, e do amor entre brancos e negros. Trata os personagens poeticamente, e é isso que supre o que lhe falta em penetração psicológica. Seus personagens não vivem num mundo interior, muito pelo contrário, mas nem por isso deixam de ser vivos e realistas. Seus críticos esquecem que a análise psicológica não é o único modo de conhecimento do ser humano.

A fórmula estética do autor baiano seria a fusão harmônica de documento e poesia, com na obra *Terras do Sem Fim*. O romance de Jorge Amado deixa de ser somente romance proletário e passa a ter um significado mais amplo quando se torna histórico:

Através do documento, o autor percebera a espoliação de uma classe; através da poesia, sentira o seu valor e o seu significado; através da história, que reúne espoliados e espoliadores numa relação de perspectiva, alargou a todos os homens a sua simpatia artística. O que resulta, porventura, num enfraquecimento doutrinário, se considerarmos o caráter de luta da obra do autor, mas que importa em enriquecimento da sua arte e da sua compreensão humana. (CANDIDO, 1945, p. 58)

Pela primeira vez em sua obra, no livro *Terras do Sem Fim*, Jorge Amado simpatiza, no sentido psicológico, não moral, com os grandes coronéis, ou seja, os espoliadores do povo. Assim, o livro se torna mais humano e universal, pois vive o ponto de vista do espoliado e do espoliador. “Em arte, a compreensão, – nos sentidos, lógico e psicológico – é sempre mais ativa e mais efetiva do que a parcialidade”. (CANDIDO, 1945, p. 59).

Num passado recente a literatura escrita, assim como outras formas de arte consideradas cultas, era privilégio da classe dominante no Brasil. Por volta dos anos 30 os romancistas começaram a se preocupar com a questão social do país e a introduzir os problemas sociais em suas obras. Os melhores romances de caráter social são aqueles que tratam da negação do sistema que nega o homem, reduzindo seus horizontes, convertendo-o em objeto. No *romance social* o elemento

coletivo ocupa o primeiro plano, sua técnica preferida é o contraponto; já no *romance político* predomina o elemento individual. A terceira categoria, o *romance proletário*, reflete o ponto de vista do trabalhador nas relações sociais. O grupo de escritores designados como “romancistas do Nordeste” foram os responsáveis por inserir na literatura a figura do latifúndio e da propriedade da terra como determinante da desigualdade social brasileira. Escritores como Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, e outros, firmaram a popularidade do romance do Nordeste.

O romance nordestino, inspirado no subdesenvolvimento e na miséria da região, associa muito bem a herança da cultura brasileira, latifundiária e patriarcal, ao espírito cumulativo do capitalismo incipiente, gerador de pobreza e desemprego. Talvez o conjunto de romances do Nordeste constitua o documento mais enfático da disparidade social do país, pois a situação geográfica e histórica da região, de uma pobreza heróica e dependente, pode gerar mais vivamente o sentimento de protesto. Ali foi denunciada a atuação simultânea das forças telúricas e das instituições humanas para o esmagamento do homem e para tornar mais pronunciado o desnível entre as classes. (LUCAS, 1997, p. 102)

Jorge Amado estreou na literatura em 1931, com *O país do carnaval*. Para Lucas (1997, p. 102) ali estava, ainda em seu início, “a dúvida acerca dos valores consagrados e o gosto pela discussão das idéias”. O primeiro impulso de Jorge Amado estaria no campo da ética, fruto da indignação moral. O veículo dessa manifestação seria a estética. Toda a motivação literária de Jorge Amado encaminhou-se para atacar a ética do capital, pois ele adotou a ética do trabalhador. Fez de *O país do carnaval* um *romance proletário*, embora não possamos reduzi-lo somente a isto. O seu compromisso estético seria o mínimo de literatura, e o compromisso ético apontava para o máximo de honestidade. Jorge Amado utilizava os princípios do realismo socialista em sua literatura, realismo este que começou a aparecer nas publicações no início dos anos 30. O objetivo do realismo socialista era reproduzir a vida em seu desenvolvimento revolucionário, representar a realidade, e ajudar a ver sua perspectiva histórica, como expressão do ideal.

Cacau, de 1933, é um romance de ostensivo engajamento ideológico. Os escritores em conjunto com os pensadores desempenhavam também a liderança intelectual neste período. De acordo com Lucas (1997, p. 104), “A despeito de seu engajamento, a obra de Jorge Amado é polifônica, reúne várias proposições ideológicas e reivindicações sociais”. Faz parte de um projeto de identidade nacional que começou com os árcades mineiros, passou pelo romantismo, inspirou o realismo e teve súbita interrupção no modernismo. *Cacau* trazia ao romance do Nordeste a vida dos trabalhadores da zona cacauzeira do sul da Bahia. Este livro apresenta as relações de trabalho aviltantes da zona rural, que é uma das temáticas recorrentes da obra de Jorge Amado. Assim, Jorge Amado ingressa na crítica social, que daí em diante estará muito presente em seus romances. *Cacau* (1933) traz a primeira experiência de Jorge Amado com o tema rural; e *Suor* (1934) tem uma temática urbana, no último capítulo temos uma greve, acompanhada da presença da polícia. Assim, a cidade passa a fazer parte da ficção do autor baiano. *Jubiabá* (1935) representa o amadurecimento do romancista, mostra um negro como herói popular. Mais do que isso, traz um dado inédito na ficção do país: a superioridade do negro. O romance qualifica a virtudes do povo brasileiro, representa o otimismo em relação à gente brasileira. A partir de *Jubiabá* Jorge Amado “clarifica a sua dialética dos oprimidos. Toda a sua obra guarda a mesma predisposição: a de incluir os excluídos sociais”. (LUCAS, 1997, p. 111-113)

As histórias de Jorge Amado são engenhosas, mas narradas de maneira simples, o que as torna mais acessível ao grande público. O autor baiano consegue conciliar sua narração com os propósitos de denúncia da condição social do trabalhador brasileiro. Os jogos onomásticos praticados em seus romances são curiosos, os nomes de seus personagens muitas vezes estão ligados a características próprias, como o personagem Vadinho, do livro *Dona Flor e seus dois maridos*, que gostava de vadiar. A prosa, que é pontuada de oralidade, constitui um desafio à tradição artística herdada no século passado, de feição portuguesa. Jorge Amado, contrariando a tradição acadêmica, utiliza um

enunciado simples, bem popular, desataviado, indicando um novo rumo para a narrativa, criando o romance popular. Além de ser popular, este romance estará impregnado de intenção ideológica, proletária, ou seja, será um romance de ideias. Aliás, muitos criticaram os aspectos panfletários da obra do escritor baiano.

Os romances de Jorge Amado apresentam como tema os problemas cruciais da vida brasileira, problematizam a sociedade de maneira geral, e principalmente o povo que vive as margens desta sociedade. Nos principais textos do romancista estarão presentes as principais polaridades da vida: primeiro, o choque entre a natureza e a cultura; em seguida, a situação assimétrica entre o homem e a mulher na sociedade; depois, o contraste entre o campo e a cidade, ou o confronto entre a terra e o mar; as diferenças entre a criança e o adulto. Jorge Amado retira extraordinários efeitos das contradições pejudicadas de historicidade, são situações dialéticas apoiadas nas ideias marxistas, que o romancista afirmou que desconhecia na época de sua militância política.

[...] Contrapostas dualidades como fome versus abundância, rico versus pobre, patrão versus empregado, trabalho versus capital, a imaginação criadora opera criticamente no meio dessas polarizações, quer denunciando situações concretas, quer descortinando as utopias, em direção das quais se acreditava que as civilizações marchavam. (LUCAS, 1997, p. 108)

Jorge Amado trabalha com a contraposição histórica do branco perante o negro e oferece a miscigenação como resposta positiva para o Brasil. A força do progresso, a astúcia do amor, a alegria de viver, a ruptura das regras e o sincretismo religioso diminuem as diferenças entre negros e brancos em nosso país. De acordo com Lucas (1997, p. 110) “a maior contribuição de Jorge Amado ao debate sobre as relações raciais do Brasil consiste no registro que perpetrou da cultura mestiça, com agregação positiva ao nosso processo histórico”, deixando explícita a contribuição africana na formação do povo brasileiro. Jorge Amado retoma o projeto de identidade nacional, que começou com os primeiros escritores brasileiros, e o faz incorporando em seus romances

personagens negros, mestiços, prostitutas, bêbados, e marginalizados pela sociedade de forma geral.

Desde que escreveu *Cacau*, em 1933, Jorge Amado se considera um militante de esquerda, mas alguns livros seus são mais marcados pelo alistamento doutrinário. O autor baiano “procurou projetar o destino humano numa escala histórica que fosse superior à mera adaptação à realidade”. (LUCAS, 1997, p. 113). Suas personagens são transcendentais, preocupam-se com o futuro e o examinam de uma forma visionária. *ABC de Castro Alves* (1941) e *O cavaleiro da esperança* (1942) são duas publicações de nítido engajamento político, e representam a marca mais profunda do realismo socialista na obra de Jorge Amado. *Seara vermelha* (1946) e *Os subterrâneos da liberdade* (1954) são as duas obras que exprimem o compromisso do romancista com as teses do realismo socialista citado anteriormente. Nos três volumes de *Os subterrâneos da liberdade* (v. 1: *Os Ásperos Tempos*; v. 2: *Agonia da Noite*; v. 3: *A Luz no Túnel*) temos um testemunho vivo das práticas policiais e repressivas do Estado Novo, além de ser uma obra muito bem narrada. Esta obra foi escrita quando o romancista estava exilado na Tchecoslováquia. Após o cancelamento do registro do Partido Comunista, em 1948, o mandato de Jorge Amado foi cassado e seus livros foram considerados “material subversivo”. Por isso, ele e a família passam a viver em Paris, mas por motivos políticos o governo francês expulsa Jorge Amado e sua família, em 1950. O escritor, a mulher e filho passam a residir em Dobris, Tchecoslováquia, onde ele escreve o romance tripartido *Os subterrâneos da liberdade*, em 1951.

Segundo Lucas (1997, p. 117) “o romance de Jorge Amado forcejou o compromisso estético e político, deixou em todos os segmentos da obra a marca do engajamento partidário”. Alguns temas dispersos na trilogia de *Os subterrâneos da liberdade* são muito atuais, por exemplo: o latifúndio, a invasão das terras dos índios, a violência policial, a passividade da classe dominante diante das ambições internacionais etc. Os três romances de *Os subterrâneos da liberdade* se enquadrariam no que se denominava *roman à clef* – personalidades notórias da política, das artes e da literatura aparecem caricaturadas,

disfarçadas. Alguns nomes foram divinizados pela clarividência do realismo socialista e pelo alistamento político da obra. Toda a parte panfletária da obra sobrevive como documento, se tornou perecível. Jorge Amado cumpriu a tarefa de politizar a imaginação criadora, através de sua ficção comprometida.

2 A SEGUNDA FASE DA LITERATURA DE JORGE AMADO

A crítica aponta como o marco de mudança de rumo na temática de Jorge Amado o romance *Gabriela, cravo e canela* (1958). O autor baiano inicia uma segunda fase de sua literatura, em que impera o humor, o exotismo, a sensualidade, a forte presença feminina. Após Gabriela, a força de atração se desloca da justiça social para a liberdade. “E o fermento da nova cosmovisão se transpõe do romantismo sentimental e visionário para a exploração do riso e do sonho como atributos desrepressores do ser humano.” (LUCAS, 1997, p. 111). Na primeira fase, os heróis de Jorge Amado eram sérios, marcados por uma ideologia, e apontavam para a *justiça*. Já os da segunda fase de sua produção são alegres e divertidos, escolhendo por meta a *liberdade*. O romancista procura desarmar o automatismo da sociedade e seus valores imponderáveis através da estética do riso.

Segundo Duarte (1997), a partir de *Jubiabá*, a ficção amadiana adota o modelo que definimos, com base nas concepções de Northrop Frye, como *romance romanesco*, superando a indefinição dos livros anteriores.

[...] Esse modelo narrativo combina o realismo social típico dos anos 30 com os elementos da herança romanesca incrustada no imaginário popular, destacando-se entre eles o tom melodramático de muitas passagens e a estruturação narrativa tomada de empréstimo ao *roman feuilleton*. Tais recursos, popularizados ainda mais pelo novo entretenimento de massa (cinema) àquela altura já bastante difundido entre nós, servem à postura de “escrever para o povo” exigida pelo engajamento partidário, ao mesmo tempo que abrem para o autor a perspectiva de trazer para a

literatura os aficionados do cinema. Assim, os dramas dos espoliados e as falas da margem surgem pontuados pelo clima de ação e heroísmo tão ao gosto de um público que se politizava e exigia direitos sociais, da mesma forma que se divertia com Carlitos e se comovia com *coups de théâtre* protagonizados por Antônio Balduino ou pelos *Capitães da areia*. O clima romanesco a tudo perpassa, trazendo de volta a linearidade épica, o *Bildungsroman*, a variedade e o excesso folhetinesco. [...] A narrativa é marcada pelos encontros casuais e pelas mudanças bruscas do destino. São caminhos sempre entrecortados por outras vias/vidas que por eles perpassam, segundo o modelo da multiplicidade folhetinesca, adaptada eficazmente ao propósito do *romance da coletividade*, imbuído em ser a mimese da história social do período. É esse modelo popular/popularizado que preside a ascensão na cena narrativa das vozes vindas de baixo. [...] (DUARTE, 1997, p. 90-92)

Jorge Amado, quando Deputado-constituente em 1946, foi autor de várias emendas, inclusive de uma que estabelecia a liberdade de culto religioso no Brasil e livrava os rituais afro-brasileiros das perseguições policiais, emenda esta aprovada pela Assembléia Constituinte. Entretanto, só a partir dos anos 60 seus livros passaram a tratar com mais ênfase da questão racial e a defender o respeito à diferença étnica e às práticas culturais afro-brasileiras. O discurso marcado de etnocentrismo, que salientava o vigor físico de Honório, em *O país do carnaval*, ou Balduino, em *Jubiabá*, passa a representar a luta dos negros baianos para terem reconhecido seu direito a uma religião de matriz africana, em *Os pastores da noite*, e a serem respeitados como pertencentes a uma outra cultura, em *Tenda dos milagres*. O romance de Pedro Archanjo adota a perspectiva “politicamente correta” frente ao *outro* étnico, diferente do que ocorreu em *Jubiabá*, onde a centralidade da perspectiva de classe obscureceu o *outro* social. Enquanto em *Jubiabá* (1935) esta centralidade não fazia diferenças entre brancos, negros ou mestiços, “em *Tenda dos milagres* [1969] ocorre, em paralelo ao discurso de elevação da raça negra, um elogio à miscigenação e ao cadinho cultural brasileiro [...]”. (DUARTE, 1997, p. 94).

Em 1958, em Petrópolis, Jorge Amado escreve *Gabriela, cravo e canela*. Publicado em agosto, o livro vende 20 mil exemplares em apenas duas semanas e até dezembro venderia mais de 50 mil. No ano seguinte, *Gabriela* coleciona prêmios, como Machado de Assis, do

Instituto Nacional do Livro; Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; e Luiza Cláudio de Souza, do Pen Club. Foram vendidos mais de 100 mil exemplares, numa época em que a taxa de analfabetismo era muito alta no Brasil, o que demonstra a popularidade do escritor. Ao publicar *Gabriela, cravo e canela* (1958), Jorge Amado deixa para trás sua condição de “escritor comunista”, sua obra passa a ter uma segunda fase. A mulher passa a ser o centro da narrativa e se transforma em mito sexual, pela primeira vez na obra do romancista baiano. Antes de *Gabriela* a mulher era representada na obra do escritor, mas nunca chegou a ser a personagem principal, inclusive tendo o nome como título do livro.

[...] Hoje, Gabriela é dessas personagens que tem alcance extra-literário, figurando no próprio imaginário popular como símbolo de impetuosidade e erotismo. No entanto, sua construção está lastreada em várias figurações anteriores de um feminino que tinha sempre destacada sua *força* – Linda, em *Suor*; Livia, em *Mar morto*; Mariana, em *Os subterrâneos da liberdade* – ou denunciado a condição de *objeto sexual* – Maria do Espírito Santo, em *Suor*; as três irmãs prostituídas, em *Terras do sem fim*; Marta, em *Seara vermelha*. (DUARTE, 1997, p. 94)

A presença da mulher ganha uma outra dimensão, após *Gabriela*. Nos anos 30 e 40 o romance vai representar os trabalhadores e suas lutas sociais, a partir da década de 50 a mulher passa a ocupar o centro da narrativa. Com as transformações econômicas e sociais, a mulher vem para o espaço público com uma intensidade nunca vista antes. Inúmeros foram os poemas, contos, romances, filmes ou músicas que trataram do tema feminino, exemplo disso é a música “Garota de Ipanema”, que se constrói como texto masculino que exalta a mulher como um simples objeto. Em *Gabriela, cravo e canela*, a mulher é objeto erótico sim, mas é também *sujeito desejante* capaz de “trocar o casamento pelo prazer e a segurança do lar por um momento de gozo”. (DUARTE, 1997, p. 96). A personagem condiz mais com a nova mulher que estava surgindo, embora trabalhadora, não se deixa reduzir a mera força de trabalho, é mais inteira que a musa carioca de “Garota de Ipanema”, pois Gabriela não é somente objeto, ela também tem seus

desejos e vontades. O romance representa as diversas etapas da trajetória feminina em busca da realização pessoal e da superação do machismo presente na sociedade brasileira. Temos nas personagens Ofenísia, Sinhazinha, Glória, Malvina e Gabriela a representação de diferentes momentos desse processo histórico vivido pela mulher em nosso país. Ofenísia morre de amor, Sinhazinha é assassinada pelo marido, Glória consegue se ver livre do Coronel, Malvina foge em busca de independência e Gabriela trai o marido, mas é perdoada e se livra da morte por adultério que acabou vitimando Sinhazinha, e que era tão comum na época. Nas décadas seguintes, Dona Flor, Tereza Batista, e Tieta representarão essas figuras femininas liberadas sexualmente, impetuosas, donas do próprio destino, *sujeitos desejantes*. Sem renunciar ao modelo do *romance romanesco*, Jorge Amado amplia o tratamento literário das relações de poder a partir de *Gabriela, cravo e canela*. “[...] Abre-se mais o leque de vozes da margem: da perspectiva de *classe* para as de *gênero* e *etnia*, [...]”. (DUARTE, 1997, p. 97)

3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA OBRA DE JORGE AMADO

DaMatta (1997, p. 120) afirma que, de uma perspectiva sociológica, a obra de Jorge Amado faz uma “[...] conjunção com a sociedade brasileira lida através de suas principais instituições, costumes, valores [...]”. Em sua obra, além da perturbadora “questão social” do país sempre representada, temos ainda uma visão interpretativa do Brasil. Jorge Amado fala do Brasil de modo aberto e direto, sem esconder nossos defeitos, mas sempre com uma ponta de otimismo quanto ao povo brasileiro:

[...]Sua obra descreve e mediuniza o Brasil, exprime-o por meio de muitas vozes, enredos, personagens, planos, situações e assuntos, deixando ver em sua tessitura densa ou ingênua, larga ou curta, inovadora ou estereotipada, um panorama amplo e claro dos valores brasileiros, instituições e dilemas. [...] (DAMATTA, 1997, p. 121)

A representação do carnaval é de extrema importância na obra de Jorge Amado, pois deflagra reflexões sobre a sociedade brasileira. Tem dois momentos importantes em que o carnaval aparece na obra do romancista baiano. Primeiro em *O país de carnaval* (1931), quando Paulo Rigger diz que só se sentiu brasileiro duas vezes: quando bateu em Julie, e quando brincou o carnaval. O segundo momento aparece em *Gabriela, cravo e canela* (1958), mas só chega ao ponto máximo no romance *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), onde “Jorge Amado faz com que a ambigüidade, o triângulo amoroso e o ponto de vista feminino se transformem em valores” e deixem de ser o pólo negativo da sociedade. (DAMATTA, 1997, p. 121). No livro *O país do carnaval*, o carnaval surge como uma celebração com a qual a personagem principal tem relações negativas. Já em *Dona Flor e seus dois maridos*, ganham forma e tem primazia os elementos básicos de um mundo carnavalizado e, mais importante, a relação como um sujeito da narrativa, com todas as suas ambigüidades e dilemas. Em *O país do carnaval*, a celebração representa uma metáfora da infelicidade de um Paulo Rigger, que descobre um Brasil dividido, pois de um lado há o Brasil Estado-nacional, do outro a sociedade brasileira e o seu carnaval. Existem dois modos de enxergar o Brasil, o que produz uma personagem com duas vidas, como acontece em *Gabriela, cravo e canela* (1959), *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua* (1959), em outros livros de Jorge Amado e especialmente em *Dona Flor e seus dois maridos* (1966).

Em *O país do carnaval*, Jorge Amado sugere que o Brasil, que é o país do carnaval, seja englobado pelo Brasil-Estado nacional e passe a ser um país disciplinado. De acordo com DaMatta (1997, p. 125) “[...] essa visão tipifica a primeira fase da obra de Jorge Amado, marcada pelo dualismo clássico que contrapõe o carnaval a uma realidade econômica e social que é preciso denunciar [...]”. Nesta perspectiva inicial, os heróis percorrem as trilhas determinadas por sua posição de classe, pois suas consciências são sociais e o alvo do autor não é o indivíduo, mas as instituições do capitalismo. A primeira fase é

caracterizada pela linearidade das grandes narrativas, pois no final as personagens encontram o Partido Comunista, um modo de dar aos heróis uma consciência política correta. Na fase carnavalizadora, o autor substitui os heróis exemplares de seus romances anteriores por malandros, prostitutas, bêbados e marginais, cuja crença são as relações de amizade e a sabedoria com que encaram os espoliadores do povo e as durezas do cotidiano. Agora, temos uma disputa muito mais complexa e real, entre as classes “baixas” e “altas”, propondo novas sínteses entre essas comunidades.

Jorge Amado rompe com o Partido Comunista em 1956, o uso da carnavalização como estilo e do romance relacional como modelo corresponde a este período. A partir desta ruptura o romancista baiano vai apresentar uma realidade social que não pode ser lida exclusivamente de um prisma materialista; parece haver ainda a sugestão de que a literatura só pode ser instrumento de transformação social quando procurar entender o universo relacional reprimido pelas instituições oficiais. O único modo de transformar o Brasil seria unir o Brasil Estado-nacional com a cultura popular brasileira, percebendo nossas especificidades e aceitando nossa miscigenação como um fator positivo que poderia contribuir para o progresso do país.

Em termos literários, a originalidade desta fase de Jorge Amado é que, ao sério, ele responde com o carnavalesco; ao normativo e ao partidário ele contrapõe o pessoal, o singular e o milagroso, ao materialismo formalista e retórico, ele ataca com a informalidade e com a religiosidade; à vida definida como fórmula econômica, ele apresenta o mundo como uma complicada teia de relações pessoais que sustenta a esperança nas boas amizades e se celebra a relação pela relação. (DAMATTA, 1997, p. 128-129)

Na primeira fase Jorge Amado navega contra o carnaval, e na segunda com ele. O romancista baiano descobre o carnaval como valor, como possibilidade de leitura da realidade do nosso país e como modo de afirmação positiva do povo brasileiro. Isso corresponde à invenção do *romance relacional*, ou seja, da narrativa que reconhecendo a importância dos elos pessoais, passa a utilizá-los como sujeitos da

trama. Segundo DaMatta (1997, p. 129) “[...] Jorge Amado lida com teias de relações e são esses elos indestrutíveis que conduzem a história. [...]”. No romance relacional, o espaço individual é substituído pela dinâmica das relações pessoais, os sujeitos são elos sociais e não indivíduos. A fase carnalizadora da obra do autor baiano representa o ponto de vista da relação, demonstrando que existem diversos sistemas nos quais a escolha moral pode ser não escolher, ou escolher ficar com os dois. Aqui a ambigüidade é vista como valor cultural e de maneira positiva. Assim, nesta fase, os heróis de Jorge Amado, assim como o autor, tem duas vidas diferentes, dois nomes e duas existências contrárias, como é o caso de Quincas Berro D’água, e de Dona Flor. Numa primeira existência eles são prisioneiros de uma rigidez ideológica, mas quando rompem com essas correntes morrem socialmente para em seguida ressuscitarem para uma outra vida, renovados e aceitando os valores culturais mais intrínsecos de seu povo. Enquanto na primeira vida a personagem obedece a todas as regras, na segunda existência passa a ser o contrário do que era antes, em todos os sentidos. “[...] surgem heróis duplos, pessoas e não indivíduos com projetos e desejos contraditórios. [...]” (DAMATTA, 1997, p. 133).

Ao descobrir o carnaval e seus valores, Jorge Amado encontra o abandono à vida como solidariedade, no qual os elos sociais formam o centro dinâmico. “Esse carnaval que é o espírito de um outro Brasil. Carnaval que institui a ambigüidade como um dado positivo.[...]” (DAMATTA, 1997, p. 133). Dona Flor é a ponte entre dois modos de vida: o estilo burguês do Dr. Teodoro, e o estilo carnalizado de Vadinho. É o ponto de encontro entre estilos de vida e ideologias. Para DaMatta (1997, p. 132) “[...] ela é a encarnação ficcional da ideologia positiva da mestiçagem que também marca a obra de Gilberto Freyre [...]”, que acabou influenciando muito nesta nova fase da obra de Jorge Amado. Dona Flor representa a ambigüidade e o hibridismo como valores positivos da nossa sociedade, representa uma possibilidade de união dos elementos que compõe a nação brasileira, simbolizando que o

Brasil só será um país desenvolvido quando puder unir Estado-nacional e sociedade.

Desde seu primeiro livro, *O país do carnaval*, Jorge Amado sempre utilizou temas nacionais em seus livros. Buscando valorizar as tradições populares, utilizou como matéria-prima o samba, o carnaval, o candomblé, a capoeira, a literatura de cordel e a malandragem, além de representar a identidade nacional baseada na mestiçagem. A baianidade e a brasilidade, representadas e algumas vezes idealizadas pelo escritor baiano, sintetiza elementos das realidades sociais e históricas, altera e chega a criar outros aspectos da sociedade, que passam a existir para os brasileiros. Ficção e realidade se misturam em suas narrativas, Jorge Amado transforma pessoas reais em personagens.

No discurso literário e extraliterário de Jorge Amado, a mestiçagem biológica e cultural – sobretudo entre portugueses e africanos – funcionava como uma espécie de eixo em torno do qual foram se agregando outras características do Brasil, entre as quais o otimismo e a garra do povo, mesmo em meio à miséria e sofrimento; a predominância da amizade e da solidariedade nas relações cotidianas e a presença do “jeitinho” brasileiro como estratégia de sociabilidade; a valorização da festa e a exaltação dos cinco sentidos; e a riqueza e a originalidade de nossa cultura popular, que faz que ela sirva de inspiração para as criações eruditas. [...] (GOLDSTEIN, 2008, p. 63)

A representação da identidade nacional como modelo de sociabilidade dileto é apenas um recorte parcial da sociedade e da história do Brasil. Nem falsa, nem verdadeira, e sim relativa e dependente do contexto. Jorge Amado generalizou e romantizou alguns elementos, e acrescentou criatividade e utopia. Para Goldstein, (2008, p. 70) “[...] Seu Brasil mestiço, alegre, festeiro e sensual é um conjunto de elementos pinçados dentro de um repertório histórico e cultural [...]”, recortes que escondem conflitos, heterogeneidade e transformações, e revelam mitos, tabus e desejos da maior parte da população do Brasil. Para alguns autores, a língua e a literatura são os principais meios de consolidar a identidade nacional num país, sendo

assim Jorge Amado ajudou a construir a imagem que temos hoje do que é ser brasileiro.

4 O COMPORTAMENTO FEMININO REPRESENTADO NA LITERATURA

A representação feminina sempre esteve presente na literatura. Apesar das proibições da Igreja Católica, que considerava que a leitura de romances iria influenciar negativamente o comportamento feminino, foi através da literatura que a sociedade introduziu sua mensagem e suas normas à mulher burguesa. Foi através dos romances, que as mulheres liam às escondidas dos maridos e pais, que foi construído o seu comportamento. Na literatura brasileira, podemos observar a construção da mulher e da virgem destinada ao casamento por meio das personagens dos livros de Joaquim Manuel Macedo, com *A Moreninha* (1844), José de Alencar, com *Diva* (1864) e *Senhora* (1875), e Bernardo Guimarães com *A Escrava Isaura* (1875).

Alves (2002, p. 87) afirma que, “A construção de um *modelo* para a mulher se deve às próprias práticas e organização da sociedade burguesa capitalista. [...]”. Na época da ascensão da burguesia, os escritores, que em sua maior parte eram homens, procuraram construir um modelo de mulher. No entanto, acabaram construindo três tipos de comportamento feminino: a mulher anjo, a mulher sedução, e a mulher demônio, que era excluída pela sociedade porque representava a mulher tentação. Inicialmente, esta exclusão se referia apenas à prostituta, mas no final do século XIX passa a se referir também as mulheres intelectuais e todas aquelas que não se comportavam de acordo com o padrão exigido pela sociedade burguesa. Estes padrões de ideal feminino foram elaborados nos países europeus etnocêntricos, por isso a mulher anjo corresponde à mulher loura, e a mulher sedução é configurada como a mulher branca de cabelos escuros, em nosso país, a mulher sedução corresponderá à mulher morena. No Brasil, foi

necessário fazer uma adaptação, devido aos diferentes tipos étnicos que formaram o país e que resultou numa população miscigenada, mas os escritores preferiam personagens brancas. Nem mesmo *A moreninha* de Macedo permaneceu morena durante toda a narrativa, o que demonstra o preconceito existente em nosso país naqueles dias e que perdura até hoje. A mulher demônio, marginalizada pela sociedade, por representar a tentação para o homem, vai ter algumas das mais inesquecíveis representações na literatura brasileira. “Novamente é Alencar que irá inscrever o tipo de mulher demônio na cena literária brasileira com o romance *Lucíola*. [...]” (ALVES, 2002, p. 91)

5 A AFRODESCENDENTE NA LITERATURA BRASILEIRA

A mulher afrodescendente é representada na literatura brasileira desde seu início. Começando com Gregório de Matos, passando pelo Romantismo, Naturalismo, e chegando a Jorge Amado e outros escritores da atualidade. A personagem feminina e negra vem sendo representada de maneira estereotipada, numa configuração que reúne sensualidade e sexualidade sem repressões, fora dos padrões adotados para as mulheres brancas pela sociedade. Um “ditado” muito antigo demonstra bem as diferentes posições da mulher na sociedade brasileira do período colonial, levando em conta principalmente a cor da pele: “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”. Infelizmente este conjunto de idéias e juízos generalizados e tidos como naturais pela sociedade patriarcal foi repassado à ficção e à poesia da maior parte dos escritores brasileiros da época e de períodos posteriores. A representação literária da mulata será marcada pela condição de corpo disponível para o prazer sem limites e sem compromissos. Para Duarte (2009, p. 6) a mulata era representada na literatura brasileira como um “[...] animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. [...]”. A

mulata construída pela literatura brasileira, na maior parte dos livros, não tem família, são sozinhas no mundo, sem ninguém para protegê-las e apóia-las. Além disso, “[...] tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição européia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz. [...]” (DUARTE, 2009, p. 6). Apesar de ser feita especialmente para o prazer carnal, o corpo da mulata apresenta a infertilidade como defeito biológico. Provavelmente este defeito tenha se originado do preconceito racial existente na sociedade brasileira, que se negava a aceitar a ideia da afrodescendência. Se as mulatas fossem férteis, obrigatoriamente teríamos os frutos destas relações que seriam representantes da miscigenação das raças.

A mulata, resultado de relações interétnicas e extra-conjugais, e na maioria das vezes de relações forçadas, como em *A Escrava Isaura*, está presente no imaginário da sociedade patriarcal para contrastar com a negra. Nesta perspectiva, vemos surgir a presença da mucama, termo que significa “amásia escrava”, em sua origem quimbundo. Mucama é a designação dada à escrava que fazia os serviços domésticos ou serviam pessoas da família, geralmente as sinhás, filhas dos senhores de escravos. Algumas vezes também era a ama-de-leite e quase sempre escrava sexual dos seus patrões e filhos. As mucamas se tornavam escravas de estimação, como se fossem animais dos quais os donos poderiam dispor ao seu bel-prazer. Na literatura brasileira temos a mucama Lucinda, do livro *As Vítimas-Algozes* de Joaquim Manoel de Macedo, que é dada de presente a Cândida, filha de um negociante e agricultor do Rio de Janeiro. “[...] Mas a verdade histórica da miscigenação reforça a etimologia da palavra, bem como o ditado “popular” que confina a mulata ao serralho do senhor. [...]” (DUARTE, 2009, p. 11). Mulata e mulato derivam de mulo e mula, fruto do cruzamento de cavalo e jumenta, ou égua e jumento, animais estéreis por natureza. Ao preconceito já existente na sociedade brasileira da época foi somado o discurso cientificista do século XIX, principalmente de Joseph Arthur de Gobineau, que proclamava a esterilidade também entre os relacionamentos entre raças, e dizia que a miscigenação levaria a civilização à corrupção e à imoralidade.

Na literatura, o ícone erótico da afrodescendente surge em várias obras do romance brasileiro do século XIX. Encontramos a visão europeizada que divide as mulheres em “anjos louros” e “morenas ardentes” no brasileiríssimo José de Alencar. “[...] O texto de Alencar incorpora imagens oriundas do imaginário europeu – difundidas mundo afora sobretudo pela narrativa romântica de extração folhetinesca [...]” (DUARTE, 2009, p. 8). Aluísio Azevedo, no livro *O cortiço* (1890), traz a mulata Rita Bahiana que apresenta uma sensualidade desenfreada, sedutora e destrutiva, é uma personagem ambígua. Por sua causa, Jerônimo abandona a mulher, que vira alcoólatra, e a filha, que passa a se prostituir, além de matar Firmo, ex-amante de Rita. Apesar de toda a atividade sexual, a mulata Rita Bahiana não tem filhos, nunca engravidou. No século XX, as coisas não mudam muito quanto à representação da personagem mulata na literatura brasileira. O autor baiano Jorge Amado cria personagens mulatas sensuais, com a diferença de que aqui elas não são mais vistas unicamente como objetos do desejo masculino, são também sujeitos desejantes. Dona Flor, Gabriela, Tereza Batista, Tieta do Agreste etc. Todas são mulheres em busca de realização amorosa ou independência, mas que representam o estereótipo da personagem mulata na literatura brasileira. Nos livros de Jorge Amado, com exceção de Tereza Batista que engravida e faz um aborto, por mais que sejam ativas sexualmente, as mulatas não engravidam. Isto contradiz a ligação simbólica da mulher com a terra, ambas responsáveis por gerarem a vida. A “cor de canela” de Gabriela está associada à cor da terra, mas esta representação de fertilidade não se estende ao útero da personagem, que diferentemente da terra não é fértil.

[...] Se, em Alencar, Iracema tem como símbolo secreto o anagrama de “América” e, antes de sua morrer, entrega ao colonizador “o primeiro cearense”; e se, em Aluísio Azevedo, Rita Bahiana é “fruto” ela própria dos “sertões americanos”; Gabriela surge no romance “coberta de pó” e, com seu trabalho e mãos de cozinheira, irá contribuir para a prosperidade do patrão e posterior aquisição de uma roça de cacau. [...] (DUARTE, 2009, p. 10)

Queiroz Junior (1975, p. 41) afirma que, “[...] Jorge Amado fez de Gabriela a mulata-remate na galeria das outras que vinham sendo reveladas, desde Gregório de Matos [...]”. Mas Gabriela é mais irresistível que todas as outras personagens afrodescendentes anteriores a ela. Como vive num contexto urbano, Gabriela pode exercitar mais vezes sua atração, tem mais recursos para os seus encantos, mais admiradores. Não é escrava, por isso transita livremente perante a sociedade e suas instituições, mas também não tem família. Sobram propostas a Gabriela, que por ser livre pode escolher a que quiser. Gabriela supera as outras mulatas, e tem ainda as especiarias exóticas como qualificação: o cheiro do cravo, para o seu odor, e a cor da canela, para sua cor. “[...] O que José de Alencar fez da nativa, Jorge Amado operou com a mulata [...]” (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p. 42). Retirante da seca nordestina e sem recursos financeiros, Gabriela aparece na história coberta do pó da estrada, fazendo uma analogia com o ser humano a surgir do pó quando de sua criação por Deus, num estado puro e inocente. Gabriela se apresenta pelos belos atributos físicos, que vão sendo retomados insistentemente e detalhadamente durante todo o livro, demonstrando o quanto ela é irresistível. Para representar a cor da boca de Gabriela, Jorge Amado utiliza a pitanga, fruta também considerada exótica. Gabriela tem um sorriso fácil e bonito, canta e dança muito bem, como as outras mulatas representadas na literatura brasileira. Além de tudo isso, é uma excelente cozinheira e uma amante melhor ainda. Nacib acaba se apaixonando por Gabriela, por todas as suas qualidades e porque ela demonstra que valoriza o dinheiro, o que muito interessa ao árabe. Gabriela é ainda uma pessoa solidária, para quem as amizades são muito importantes. Mas, assim como as outras mulatas, ela é irresponsável, sem pudores, uma mulher fora dos padrões morais existentes na sociedade a qual pertence.

[...] Escravas [Isaura, de *A Escrava Isaura*], compondo um esquema de família [Vidinha, de *Memórias de um Sargento de Milícias*] ou inteiramente só [Gabriela, de *Gabriela, cravo e canela*], as mulatas da literatura estão todas enredadas numa trama da cobiça masculina, expostas à voluptuosidade mais intensa e declarada, a

qual, ao atuar, só muito excepcionalmente (como ocorreu com Gabriela e se prenuncia para Isaura e Jini) dá ensejo à normalidade de uma união matrimonial. E, quando a despeito de tudo, o casamento ocorre, a desconfiança gerada pela falta de moral da mulata (defeito ressaltado pela pena dos escritores) termina prejudicando a vida conjugal e reconduz a heroína à união livre, mesmo dentro dos efetivos laços matrimoniais – como ocorre com Nacib, a viver com Gabriela como se não fossem casados, a despeito de haverem contraído núpcias legalmente. E esse achado, de sabor indissimulavelmente pirandaliano a que recorre Jorge Amado, vale não apenas pela originalidade que porventura atinja a solução proposta, enquanto fabulação. Por detrás dela, encontra-se, ainda uma vez, a projeção de um conceito de mulata que a torna inadequada à normalidade de um casamento tranqüilo e durável. (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p. 85)

Para Queiroz Junior (1975, p. 118) “[...] jamais foi assegurado à mulata o lugar de principal personagem nas estórias em que intervém [...]”. Mas não podemos esquecer o livro de Jorge Amado, *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), em que a personagem que dá nome ao título tem a história de sua vida narrada desde a infância até a idade adulta. Nesta obra do romancista baiano, a mulata Tereza Batista é a personagem principal, embora ainda carregue vários marcas do estereótipo da mulata.

6 DONA FLOR E A VALORIZAÇÃO DA MISCIGENAÇÃO

Durante o século XIX e início do XX predominava no Brasil padrões de beleza femininos europeus, tempos depois substituídos pelo modelo americano. Estes eram os padrões socialmente dominantes, mas era possível encontrar nas manifestações culturais brasileiras mulheres representadas com características étnicas mais brasileiras, como as moreninhas dos romances românticos e as personagens realistas e naturalistas que romperam com esses modelos de mulher idealizadas pelos escritores europeus. Dona Flor, personagem de Jorge Amado, é um exemplo de valorização do híbrido, no cinema, na televisão e na literatura. Gabriela e Teresa Batista são outros exemplos de mulheres

morenas representadas na literatura brasileira, que também conquistaram a televisão e o cinema. Todas elas apresentam forma roliça, torneada sem gorduras, mestiças, cabelos negros lisos, olhos de “requebro” e lábios grossos. Este perfil estético é construído de um ponto de vista masculino. “Em Jorge Amado, a mulata vai aparecer sobretudo como objeto de desfrute – perspectiva em parte rompida nos anos 60 [...]”(JUNIOR, 2002, p. 278).

Gabriela, apesar de chegar a ser esposa legalmente constituída retorna ao seu estado antigo ao se separar. Não é mais esposa de Nacib, embora continuem vivendo juntos. Já Dona Flor é esposa legalmente constituída, mas assim como Gabriela não tem filho.

[...] Seu erotismo [de Dona Flor] se desenvolve a partir da evidência de que não se engravidará. Poderia fazer um tratamento para que pudesse procriar, mas não se entusiasma. Se tivesse filhos, o risco seria reproduzir o padrão social e descartar o erotismo. Para Jorge Amado, esse erotismo só prospera pelas margens do sistema social. Nesse sentido, chega mesmo a idealizar os prostíbulos, que ele eleva à condição de “castelos”. O reino da liberdade, sonhado pelo autor, estaria nessa marginalidade. (JUNIOR, 2002, p. 278).

O erotismo libertário presente em Gabriela, é interiorizado em Dona Flor. Enquanto Gabriela, através do cheiro, de sua comida, e de seu corpo, agradava aos homens. Dona Flor passa de prato de consumo para a condição de sujeito de seu próprio destino. O erotismo de Dona Flor mostrará uma atitude marginal pela coexistência sobrenatural de dois maridos na mesma cama, mas tudo acontecia escondido da sociedade e do marido que estava vivo. Tudo acontece na cama do casal e não no prostíbulo, por isso Dona Flor não é marginalizada pela sociedade. “[...] Pode-se dizer que o romance *Dona Flor e seus dois maridos* se insere nas reivindicações feministas dessa década [de 60] de contestação da sociedade burguesa [...]”.(JUNIOR, 2002, p. 280). O romance enfatiza o comportamento ativo e não submisso de Dona Flor, pois Vadinho passa a existir em função dos desejos da mulher, porém sem perder sua personalidade. Embora Dona Flor pareça ser um livro que apóia o movimento feminista, a trama ainda está cheia de

preconceitos contra a mulher. Dona Flor rompe com os papéis impostos pela sociedade à mulher, mas isto é feito de maneira clandestina. Ela é professora de culinária, como conveniente às mulheres da época, que deveriam seguir profissões determinadas pela sociedade dos anos 40. Dona Flor trouxe para dentro de casa o erotismo, enquanto Gabriela preferiu colocar o erotismo num espaço entre o lar e o prostíbulo. Assim como Gabriela, Dona Flor não teve filhos, fugindo assim do modelo de esposa idealizado pela sociedade. Isto parece informar “[...] uma certa incompatibilidade social de coexistência entre os papéis sociais de mãe e de amante, [...]”.(JUNIOR, 2002, p. 281). Teodoro e Vadinho são partes psicológicas do caráter de Dona Flor. Teodoro era o Brasil Estado-nacional e Vadinho representava o carnaval. No final, Dona Flor reúne estes opostos, de acordo com sua cultura mestiça, fazendo com que o dever e o prazer tenham uma existência em comum e pacífica. A mestiçagem é idealização de caráter ideológico de Jorge Amado, e está presente em várias obras do autor, principalmente em *Dona Flor e seus dois maridos*. O realismo mágico dos anos 60 permitiu ao escritor Jorge Amado unir as faces opostas de Dona Flor, sem conflitos, numa identidade híbrida.

7 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA DE JORGE AMADO

A mulher sempre esteve presente na obra amadiana. Nos livros de Jorge Amado encontramos a representação de mulheres de todos os tipos, raças, classes sociais etc. Mulheres que vão contra as imposições sociais, que mudam o seu próprio destino e que de algum modo alteram a sociedade na qual atuam.

[...]Antes mesmo que o feminismo da década de 1960 desse voz e visibilidade às mulheres na vida social, política e cultural do Brasil, a ficção de Jorge Amado já apresentava personagens femininas que transgrediam e superavam códigos injustos. Trata-se da passagem da mulher de objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino – amoroso ou profissional. (BELLINE, 2008, p. 27).

Em um dos primeiro romances do autor baiano, *Mar morto* (1936), a personagem Lívia representa a importância concedida à mulher pelo romancista. Escrito quando o autor tinha apenas 24 anos, *Mar morto* conta as histórias da beira do cais da Bahia. Os homens, que trabalham como saveiristas, parecem prisioneiros de um destino traçado há muito tempo: a morte no mar, deixando a família em situação complicada. Mas as coisas estão começando a mudar nesta sociedade ainda parada no tempo. O contraste entre o tempo do mito e o da história é o que move a obra *Mar morto*. Aqui, realidade e mito formam dois planos. O primeiro plano mostra a vida dos saveiristas no cais de Salvador, e o segundo a submissão ao destino, representando pela deusa Iemanjá. Na narrativa, o marido morto no mar deixava à viúva duas possibilidades de sobrevivência: o trabalho pesado ou a prostituição. A professora Dulce acredita que só um milagre modificaria o destino da mulher nesta sociedade. Lívia é uma personagem feminina que transgredir as normas sociais, que toma suas próprias decisões. Ao fugir para casar-se com Guma, contrariando a família, a jovem Lívia decide seu próprio destino. Ela é da cidade alta, que se opõe à Cidade Baixa e ao cais. Por isso, Lívia não se adapta ao meio em que passa a viver com Guma, vê o mar como seu inimigo e tem raiva de Iemanjá. Com a morte de Guma, Lívia assume o papel do marido, do homem na sociedade. Francisco, tio de Guma, chega a confundir Lívia com Janaína ou Iemanjá, pois ela passa a dirigir o barco do marido, rompendo assim com o destino das viúvas, e transformando em realidade o milagre que a professora Dulce tanto desejava.

Há, no texto, dois olhares: o de Francisco é o do mar e representa o mito. O que dona Dulce é o da terra, que vê no gesto de Lívia o milagre esperado, a subversão da ordem social até então dominante e, portanto, a esperança de transformação dessa situação injusta. Na atitude de Lívia confluem os dois planos – o real e o mítico –, resolvendo-se o conflito entre a terra e o mar pela integração ao segundo, numa nova ordem, determinada por sua vontade. (BELLINE, 2008, p. 28)

Em *Terras do sem-fim* (1943), temos a descrição do período de formação da zona cacauzeira, com a sede pelo ouro do cacau, a luta pela posse da terra, o estabelecimento das plantações e a construção das pequenas cidades nos arredores de Ilhéus, sul da Bahia, no início do século XX. Retrata o universo dos coronéis, dos lavradores, dos capatazes, das senhoras de família e das prostitutas. Ester, esposa do coronel Horácio, surge na narrativa como vítima da sociedade machista da época. Numa cena do livro, Ester é comparada ao fruto do cacauzeiro pelo marido. “A identificação entre a mulher e a natureza é um traço característico do autor. [...]”. (BELLINE, 2008, p. 29). E está presente em várias obras do escritor, como em *Gabriela, cravo e canela* e *Tereza Batista cansada de guerra*. Na interiorização da personagem, o autor baiano revela os sentimentos de Ester, sua não adaptação ao ambiente da fazenda. Para demonstrar o desajuste da refinada Ester ao meio rude em que habita, o autor utiliza as metonímias do piano e das roupas. Este é um procedimento freqüente em Jorge Amado. “[...] um objeto várias vezes mencionado indica uma característica do ser a que se refere. [...]”. (BELLINE, 2008, p. 30). Ester tinha medo da fazenda e de tudo o que fazia parte deste mundo estranho para ela, pensava nas rãs devoradas pelas cobras, o que compõe a metáfora para a sua submissão ao marido, até mesmo durante o ato sexual. Sua vontade só prevalece quando trai o marido, por amor, com o jovem advogado Virgílio. Ela adoece e morre de febre, meses depois Horário descobre a traição e manda matar Virgílio. “[...] O conflito de Ester, entre o ódio ao marido grosseiro e a paixão por Virgílio, resolve-se apenas no plano do sonho e da morte. [...]”. (BELLINE, 2008, p. 30)

Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior (1958) se passa em Ilhéus, em 1925. Narra a história de amor entre o árabe Nacib e a sertaneja Gabriela. Além dos costumes, o livro descreve alterações profundas na vida social e política da Bahia, com a ascensão do exportador carioca Mundinho Falcão e o declínio de Ramiro Bastos e outros coronéis da região. É Gabriela quem representa as transformações desta sociedade, a renovação cultural, política e econômica. A história começa com um rico fazendeiro assassinando sua

esposa e o amante para lavar com sangue sua honra, e termina um ano depois com um fato inédito na cidade: a condenação do assassino por seu crime. O livro mostra ainda as transformações da condição feminina em suas várias etapas. A personagem Malvina, da mesma classe social de Ester (*Terras do sem-fim*), não se submete ao casamento, como desejava sua família, transgredindo os códigos patriarcais da época. Malvina decide a própria vida, fugindo para São Paulo resolve o conflito entre as regras impostas socialmente e sua ânsia de liberdade.

A personagem central da trama, a mulata Gabriela, é uma pobre retirante da seca nordestina, que também deseja a liberdade para decidir seu próprio destino. Gabriela, como a maior parte das mulatas representadas na literatura, é bonita, limpa, trabalhadora, alegre, espontânea, gosta de cantar e dançar, e é a excelente cozinheira de Nacib, dono do Bar Vesúvio. Bonita e sensual acaba conquistando o patrão e outros homens da cidade, que lhe oferecem dinheiro e luxos, mas Gabriela não aceita as propostas porque estava satisfeita com a vida que tinha. Apesar de estar feliz com as coisas que possuía, Gabriela não gostava de usar sapatos, pois apertavam os seus pés. “A metonímia dos sapatos indica a ânsia de liberdade e o desapego do status que Nacib tenta impor-lhe, casando-se com ela. [...]” (BELLINE, 2008, p. 31). Gabriela gostava de dormir com os homens sem receber nada em troca, simplesmente pelo prazer sexual. Ela não se adapta ao casamento, pois continua com os mesmos hábitos que tinha antes, contrariando a sociedade de Ilhéus. Ao descobrir a traição, Nacib dá uma surra na esposa e anula o casamento, realizado com papéis falsos, pois Gabriela não tinha nenhum documento. Ela se sente culpada por ter casado com Nacib e não por ter traído o esposo.

Ao recriminar-se não por ter traído o marido, mas por ter se casado, Gabriela reitera os valores positivos do sentimento acima de qualquer tipo de interesse material – uma constante na obra de Jorge Amado que se confirma no final da narrativa, na união feliz com Nacib, de quem volta a ser cozinheira e amante. (BELLINE, 2008, p. 31-32)

Belline (2008, p. 32) afirma que, “Essa impossibilidade de ser feliz no casamento formal é a chave de *Dona Flor e seus dois maridos*. [...]”. Contrariando a vontade da mãe, Flor, professora de culinária baiana, casa-se com o malandro Vadinho. O casamento dura sete anos, apesar dos problemas causados pela vida desregrada de Vadinho, a união teve vários momentos felizes. Depois da morte de Vadinho, que ocorre em pleno carnaval, Flor casa-se com o dr. Teodoro, que é o extremo oposto de Vadinho. Entediada com a rotina do seu casamento com o segundo marido, Flor sonha com Vadinho, até que ele lhe aparece, querendo voltar a viver com ela como marido e mulher. A princípio ela fica em conflito, mas ela não resiste por muito tempo e acaba ficando com os dois maridos: de dia, o Dr. Teodoro; e à noite, Vadinho o marido que só ela vê, e que a completa. O triângulo amoroso resolve-se no plano do fantástico:

[...] Realismo mágico ou fantástico é um processo intertextual em que se narram fatos que escapam às leis naturais, desprezando a lógica, eliminando a linha divisória entre vivos e mortos, como em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Tereza Batista cansada e guerra* e *O sumiço da santa*. [...] (BELLINE, 2008, p. 33)

Apesar do tom de comédia presente em *Dona Flor e seus dois maridos*, alguns críticos interpretam a obra como uma representação do hibridismo e da miscigenação presentes na formação cultural brasileira. Dona Flor representaria a síntese de dois brasis: um Brasil carnavalizado, representado por Vadinho; e outro oficial e civilizado, representado por Dr. Teodoro. “[...] Assim, para Jorge Amado, não há necessidade de escolher entre opostos, fica-se com os dois: ambiguidade e hibridismo são valores. [...]” (BELLINE, 2008, p. 33)

Em *Tieta do agreste* (1977), a protagonista Antonieta é expulsa de sua cidade natal aos dezesseis anos. Sua irmã Perpétua denuncia ao pai as aventuras sexuais de Tieta nas dunas de Mangue Seco. Depois de uma surra de cajado, Tieta é colocada para fora de casa pelo pai. A liberdade sexual de jovem escandaliza a família e a cidade de Santana

do Agreste, assim ela transgride as normas locais e acaba sendo expulsa. Para sobreviver Tieta se prostitui até chegar a São Paulo, onde se torna uma cafetina de sucesso. Sua família não sabe de seu paradeiro, e apesar de ter sido expulsa ela ajuda financeiramente o pai e a irmã. Depois de 26 anos, Tieta volta rica e poderosa à pequena cidade de Santana do Agreste. O retorno de Tieta causa um grande alvoroço na cidadezinha. Tieta volta a povoar as fantasias dos homens e vive uma relação incestuosa com seu sobrinho, o seminarista Ricardo. Com a ajuda de Tieta, a luz gerada pela hidrelétrica chega a Santana do Agreste, o que leva uma indústria altamente poluidora a querer se instalar no local. Para defender a natureza, Tieta envolve-se na luta pela preservação do local, passa a ser heroína ao participar de uma arriscada operação.

A trama desenvolve-se no tempo presente e no tempo passado. No presente, Tieta é considerada santa pela sociedade hipócrita de Santana do Agreste; e no passado, se recorda sua trajetória. Tieta não se adapta à comunidade local, nem quando jovem, nem mais velha: antes, seu comportamento livre escandalizou a população; 26 anos depois, ela se desilude com a hipocrisia da sociedade local.

A oposição entre aparência e realidade, em que as coisas não são o que aparentam ser, freqüente no autor, retrata o bordel, espaço degradado, como mais honesto que a cidadezinha, exteriormente decente. [...] (BELLINE, 2008, p. 35)

A comunidade de Santana do Agreste só aceita Tieta enquanto ela finge que não é prostituta, finge ser algo que realmente não é. Quando descobrem a verdade, o povo da cidade a rejeita, e ela volta para São Paulo, levando Imaculada, uma jovem que lhe faz lembrar dela própria. Tieta fez essa viagem a Santana do Agreste em busca de sua identidade. “[...] no final, na iniciação de Imaculada, verifica-se um retorno consciente à vida de prostituta. [...]” (BELLINE, 2008, p. 35)

Por sua impetuosidade, por seu espírito questionador, por ser uma mulher que transgrediu e superou os códigos injustos da sociedade machista, e por ter passado de objeto para sujeito de seu próprio

destino, Tieta entrou para a galeria das grandes personagens femininas de Jorge Amado, ao lado de Livia, Gabriela, Dona Flor e Tereza Batista.

8 A TRADIÇÃO DO *BILDUNGSROMAN* NA LITERATURA

Embora não tenha sido o primeiro a utilizar o termo, a tradição do *Bildungsroman* começa com o escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe e seu *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (*Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*). Surgiu entre 1777 e 1786, mas só foi publicado como romance vinte anos depois, entre 1794 e 1796. O *Bildungsroman* é um tipo de romance onde a personagem principal, geralmente homem, passa por um processo de desenvolvimento em todos os aspectos, em que aprende a ser “homem”. *Bildungsroman* seria traduzido para o português como *romance de aprendizagem*, *romance de formação*, ou *romance de desenvolvimento*.

[...] O “Bildungsroman” é caracterizado como tal a partir, não da sua estrutura formal, mas sim dos elementos temáticos da obra. [...]. Assim, o “Bildungsroman” apresenta as conseqüências dos eventos externos sobre o herói, registrando as transformações emocionais, psicológicas e de caráter que ele sofre. Há uma ênfase, portanto, no desenvolvimento interior do protagonista como resultado de sua interação com o mundo exterior: [...] (PINTO, 1990, p. 10)

O *Bildungsroman* tem ainda como característica a função de contribuir para a formação do indivíduo que o lê, fazendo com que a história da personagem possa ser uma espécie de espelho onde a pessoa possa refletir, aprendendo com os erros cometidos pelo protagonista da narrativa. Através do processo de conscientização da personagem principal, o leitor ou leitora acabaria também sendo conscientizado. Outra característica do *Bildungsroman* é que normalmente o romance trata de uma personagem masculina e não de uma personagem feminina, o que já foi muito criticado pelo movimento feminista. A situação da mulher na sociedade impossibilitava sua representação como um

indivíduo desenvolvido ou adulto, capaz de decidir por si próprio. Mas muitos escritores e escritoras vêm quebrando este paradigma, e já podemos falar em *Bildungsroman* de tradição feminina, em que se privilegia o feminino que sempre foi subjugado ou silenciado pela sociedade machista. Embora utilizando um gênero tradicionalmente masculino, onde o herói se integra à sociedade, no *romance de aprendizagem* feminino temos o fracasso da protagonista ou a não integração à sociedade a qual pertence, pois a integração pessoal só é possível assim. Estar dentro da sociedade significava para a mulher abandonar suas vontades e passar a agir de acordo com as normas e padrões vigentes, ou seja, colocar-se sempre em segundo lugar, em posição subalterna diante dos homens. É claro que há algumas diferenças do *Bildungsroman* masculino para o feminino, principalmente devido à diversidade de gênero e suas especificidades. Enquanto o filho entra em conflito com o pai, a filha se opõe a mãe; a personagem feminina está em busca de uma identidade, e o protagonista masculino procurando uma filosofia de vida, uma vocação.

8.1 O *Bildungsroman* feminino de Tereza Batista Cansada de Guerra

Em *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), temos uma obra representativa do *Bildungsroman* feminino. Apesar de ter sido escrito por um homem, o autor baiano Jorge Amado, o romance apresenta características encontradas também no *romance de aprendizagem* masculino, como:

[...] o choque entre personagem e meio de origem (limitado e provinciano); isolamento da personagem; conflitos com os pais; apresentação ou menção do período de educação formal; viagem para a cidade grande ou para um meio ambiente onde a personagem entra em contato com uma realidade mais ampla que, freqüentemente, vai lhe trazer desilusões; problemas amorosos; processo de auto-educação; final indeterminado. [...] (PINTO, 1990, p. 147)

Muitos temas importantes para as mulheres são discutidos em *Tereza*, como por exemplo: o abuso sexual infantil, o estupro, a escravidão sexual, a sexualidade feminina, a educação feminina, o direito da mulher a ter um trabalho, o casamento, as relações homem-mulher e adulto-criança, a prostituição, o aborto, a marginalização da mulher pela sociedade etc. A história se passa nas margens do Rio Real, entre a Bahia e Sergipe, e também em Salvador e outras cidades do nordeste brasileiro. A protagonista de *Tereza Batista cansada de guerra*, Tereza Batista da Anunciação, perde os pais num acidente de marineti, ficando órfã. Passa a morar com a irmã da mãe, sua tia Felipa e o marido dela, o alcoólatra Rosalvo, no Sertão de Sergipe, próximo a Bahia. Um pouco antes de completar treze anos e até mesmo antes de menstruar, é vendida pela tia ao capitão Justiniano Duarte da Rosa, o capitão Justo, conhecido em toda a região por suas práticas nefastas. Tinha em torno de quarenta anos, era gordo e não tinha hábitos higiênicos, além disso, não era capitão de verdade, utilizava essa patente porque era rico, dono de terras, de bois e do maior armazém da cidade. O capitão Justo tinha por hábito colecionar meninas bem jovens e virgens, para cada virgem estuprada uma argola de ouro era colocada num colar que ele carregava no pescoço. Agia sempre de maneira brutal, levava as meninas à força, e num quartinho no quintal de sua casa estuprava-as, quanto mais às meninas reagiam, mas ele se excitava:

[...] Certa vez uma delas se mijou de medo quando ele a alcançou e sujeitou; se mijou toda, molhando as pernas e o colchão, coisa mais doida, Justiniano ainda se arrepiava de prazer ao lembrar-se. [...]. Sendo um esportista, o capitão preferia naturalmente aquelas que ofereciam certa resistência inicial. [...] (AMADO, 1972, p. 66)

E assim foi com Tereza: o capitão Justo, depois de caçá-la por quase uma hora no quintal da casa da tia, jogou-a no caminhão, onde se lia no estribo: degrau do destino. Ao chegar à casa do capitão, Tereza é trancada num quarto com um colchão de casal, um urinol, um retrato da Anunciação da Virgem e a taca de couro cru, utilizada para bater nas

meninas que resistiam às más intenções do capitão. Durante mais ou menos dois meses, o capitão estupra Tereza depois que ela desmaia de tanto apanhar. Após sua segunda tentativa de fuga, o capitão Justo queima-lhe os pés com ferro de engomar, fazendo com que ela ceda finalmente aos caprichos dele. Tereza Batista ficou com o capitão Justo por dois anos e três meses, trabalhando para ele na casa e no armazém, onde fazia contas e anotações. Ela havia frequentado a escola, sabia fazer contas e tinha uma letra bonita, sempre elogiada pela professora da escola Mercedes Lima. Ou seja, Tereza teve uma educação formal, mesmo que por pouco tempo. Apesar de continuar com suas práticas horrendas com outras meninas, o capitão não se cansava de Tereza, que nunca sentiu prazer nenhum nas relações sexuais que mantinha com o capitão Justo. “[...] Nesse período de sua vida, os assuntos de cama e sexo significaram para Tereza apenas dor, sangue, sujeira, amargura, servidão.” (AMADO, 1972, p. 105). Pensava que sexo fosse somente isso, não entendia porque sua tia Felipa ficava com os homens por vontade própria. Aqui Tereza se opõe à tia, pois como perdeu a mãe muito cedo, o mais próximo que tem de uma figura materna é representado pela tia. “[...] O caráter da mãe e do pai e o relacionamento de cada um com a filha são elementos determinantes no processo de “Bildung” da personagem [...]”. (PINTO, 1990, p. 46). Percebemos também que Tereza não se adapta ao meio em que vive, pois é profundamente infeliz. O autor faz com que os leitores reflitam sobre o abuso sexual infantil, denunciado o agressor e a própria sociedade que fecha os olhos para esta situação injusta.

A chegada de Daniel, filho do juiz de Cajazeiras do Norte, estudante de direito, um rapaz bonito, jovem e muito experiente com mulheres será um elemento determinante no *Bildung* da protagonista. Assim que conheceu Tereza, Daniel ficou louco de paixão e decidiu conquistá-la. Apesar de temer a ira do capitão Justo, Daniel passou a frequentar o armazém fingindo-se amigo dele. Tereza e seu Dan aproveitam uma saída do capitão para se encontrarem. O encontro dos dois acontece em baixo da chuva, a água representa a possibilidade de mudança, de renovação da protagonista. Neste momento, Tereza pensa

na sua infância tão recente e rompida de maneira brutal, lembrando que só foi tão feliz ao pegar uma boneca. Daniel consegue atravessar a barreira entre o medo e o ódio e Tereza se entrega a ele. Aos quinze anos, Tereza tem uma iniciação sexual em que ela sente prazer, no mesmo colchão onde foi estuprada pelo capitão. Esta noite marca uma nova etapa: “Tereza começou sendo uma, terminou sendo outra naquela rápida noite de minutos corridos em ânsia e desmaio, noite longa de cem anos de revelações e alvíssaras. [...]” (AMADO, 1972, p. 144). Ao ter sua sexualidade despertada por Dan, Tereza encontra um novo modelo de comportamento masculino que a faz rejeitar ainda mais o capitão e o ambiente em que vive. A transformação de Tereza é tão profunda que se reflete no corpo, tornando-a virgem novamente, tudo se torna novidade. A descoberta da sensualidade e do corpo faz parte do processo de construção do EU da protagonista. Depois da noite de amor, Daniel adormece e Tereza relembra sua vida até aquele momento e decide se matar enforcada, pois não suportaria voltar a ter relações sexuais com o capitão:

[...] Pensou em muitas coisas enquanto ele dormia. Recordou o vira-lata, Ceição, Jacira, os moleques, os brinquedos de cangaço e guerra, a tia com desconhecidos na cama, tio Rosalvo com os olhos de bêbado, a perseguição no terreiro, o tio a entregá-la, tia Felipa de anel no dedo, a viagem no caminhão, o cubículo na casa da roça, as fugas, a palmatória, a taca, o cinto, o ferro de engomar. [...]. Melhor morrer do que retornar ao leito do capitão, à gosma do capitão. [...] (AMADO, 1972, p. 146)

Daniel, com sua lábia, consegue convencer Tereza de que a morte não é a melhor opção e que eles poderão continuar a se encontrar quando o capitão viajar novamente. Só depois da noite que passou com Daniel, Tereza consegue entender os motivos pelos quais, enquanto o tio Rosalvo bebia cachaça na vendinha, sua tia Felipa dormia com outros homens desconhecidos sem ser obrigada, sem precisar apanhar, por vontade própria. Aproveitando-se de uma viagem do capitão Justo a Bahia para a festa de Dois de Julho, Daniel e Tereza passam oito noites juntos na casa do capitão. Durante estes dias, a mudança iniciada na primeira noite de amor se completa, Tereza já não é mais a mesma

menina amedrontada, agora ela deseja a realização pessoal e sexual, mas para isso precisará se arriscar fugindo do capitão e se aventurando no desconhecido, na cidade grande com seu anjo Dan. Ela quer fugir de uma vida sem perspectiva para um outro ambiente, onde possa ser tratada como um ser humano, onde possa se desenvolver.

[...] Violada há cerca de dois anos e meio, possuída pelo capitão quase todos os dias, fechada no medo, conservara-se inocente, pura e crédula. De repente despertada mulher, nessas rápidas noites de veloz transcurso abriu-se em poço de infinito prazer, floresceu em beleza. Antes era formosa menina, graça adolescente e simples, agora o óleo do prazer banhara-lhe o rosto e corpo, o gosto e a alegria do amor acenderam-lhe nos olhos aquele fogo do qual o doutor Emiliano Guedes percebera o fulgor meses atrás. [...]. Assim renasceu quem morrera na palmatória, no cinturão, na taca, no ferro de engomar. O gosto do fel e as marcas de dor e de medo foram se apagando todas elas, uma a uma; tendo recuperado cada partícula de seu ser, na hora necessária, sem sombra de medo, se ergueu inteira aquela falada Tereza Batista, formosa, de mel e valentia. (AMADO, 1972, p. 155-156)

Apesar de ter prometido levar Tereza para a capital, Daniel não pretende desafiar Justiniano, nunca pensou em salvar Tereza das garras de seu algoz, queria apenas se divertir por algumas noites. Mas o capitão acaba sendo avisado por um bilhete anônimo, e pega Tereza e Daniel no flagra. Enquanto ele bate em Daniel, Tereza pega uma faca e esfaqueia o capitão Justo. A transformação efetivada em Tereza, nestes poucos dias dedicados ao prazer e ao amor, faz com que o capitão não a reconheça mais, mesmo sabendo que se trata de Tereza. “[...] Deixou-a a menina e a encontrou mulher, deixou-a escrava no medo e o medo acabou. [...]” (AMADO, 1972, p. 159).

A primeira relação sexual de Tereza com o capitão é repressora, sua iniciação sexual com Daniel é libertadora. Daniel não chega a ser um mentor para Tereza, mas é muito importante para sua aprendizagem porque desperta nela o desejo de encontrar a felicidade, de ter uma vida diferente e livre. “[...] O conflito gerado pela necessidade de escolher entre um destino conformado e uma vida independente caracteriza em geral o *Bildungsroman* feminino. [...]”.

(PINTO, 1990, p. 53). O medo que Tereza sentia do capitão Justo acabou alienando-a, coisificando-a. Ao se reencontrar, através da descoberta sexual e amorosa que teve com Daniel, percebe que não será mais possível permanecer com o capitão, preferindo até mesmo a morte. Com a morte do capitão Justiniano Duarte da Rosa, Daniel foge e Tereza é presa como assassina de seu algoz. Dan, que lhe prometia a liberdade, no final acusa Tereza em seu depoimento por tudo o que aconteceu. Na cadeia, Tereza passa por momentos muito ruins, mas a decepção que teve com Dan foi tão grande que chegou a pensar que ele talvez fosse pior que o capitão Justo, pois todo o tempo que permaneceu com ela agiu de maneira hipócrita. Até este momento de sua jovem vida, as pessoas que passaram pela vida de Tereza, principalmente os homens, só a fizeram sofrer, seu *Bildung* tem sido uma contínua frustração de todos os seus sonhos.

Tereza Batista será libertada graças à intervenção do doutor Emiliano Guedes, um usineiro rico, banqueiro e doutor formado, que se encantou por ela desde que a viu na casa do capitão. Era bonito, magro, alto, olhos claros, com cabelos e bigode grisalhos. Ele envia, sem que Tereza saiba, o excelente advogado Lulu Santos para ajudar na sua liberação, já que por ser menor de idade sua prisão era ilegal. Lulu Santos tira Tereza da cadeia e interna-a num convento, mas ela foge e vai se prostituir na pensão de Gabi. Por tudo o que ocorreu em sua vida, Tereza não consegue mais confiar em ninguém, mas quando Emiliano vai buscá-la no prostíbulo, ela aceita partir com ele. O doutor lhe oferece uma nova vida e apesar das desconfianças iniciais, Tereza será muito feliz com ele, voltando até a confiar nas pessoas. Terá com ele uma relação de amor verdadeiro, a primeira em sua vida. É muito comum no *Bildungsroman* feminino que o mentor seja um homem. O doutor Emiliano será um mentor no processo de formação intelectual da protagonista, ensina-lhe muitas coisas, inclusive a julgar sem preconceitos.

Havia em Estância um sobradão colonial, maltratado pelo tempo e pelo descaso, todo pintado de azul, e o doutor, na calma da tarde, chamava a atenção de Tereza

para aquela maravilha de arquitetura, apontando detalhes da construção, ensinando sem parecer fazê-lo, levando-a a enxergar o que sozinha não saberia reconhecer e estimar. [...] (AMADO, 1972, p. 170)

Tereza é amásia de Emiliano, a relação deles é ilegítima, por isso a protagonista fica numa posição marginal perante a sociedade. É uma relação que se dá dentro dos padrões patriarcais, onde a mulher é oprimida pelo homem. Tanto é assim que quando Tereza engravida do doutor, ele pede que ela faça um aborto. Mesmo desejando muito ter um filho, ela acaba fazendo a vontade do doutor.

[...] Decida, Tereza, entre mim e o menino. Nada lhe faltará, garanto, só não terá a mim. Tereza não vacilou. Pondo os braços em torno do pescoço do doutor deu-lhe os lábios a beijar: a ele devia mais do que a vida, devia o gosto de viver. – Para mim o senhor passa antes de tudo. (AMADO, 1972, p. 233).

A maternidade representaria também a entrada da protagonista no mundo “adulto”, ela não seria mais uma menina, se tornaria uma mulher. Depois de seis anos de união ilícita com Tereza, aos sessenta e quatro anos, o doutor Emiliano Guedes morre durante o ato sexual, deixando Tereza novamente entregue à própria sorte. Para sobreviver, ela tenta manter-se como dançarina nos cabarés de Aracaju, mas o dinheiro que ganha não dá para nada e ela é obrigada a se prostituir. “[...] tolíce querer viver do trabalho de artista, valendo tão somente o título e as palmas para cobrar mais caro o michê. [...]” (AMADO, 1972, p. 172). Durante o tempo em que viveu ao lado do doutor, Tereza Batista morava em uma casa grande, tinha empregados e ganhava vários presentes caros. Com a morte dele, a protagonista passa a viver na região de meretrício, sua vida agora se opõe à antiga, vivida na companhia do coronel Emiliano Guedes em uma casa muito confortável. Mas para Tereza a prostituição era apenas um meio de sobreviver, ela só se entregava completamente durante o ato sexual quando esta relação envolvia amor.

Sendo incapaz de luxúria pura e simples, para entregar-se com ânsia, para abrir-se em gozo, necessitava de afeto profundo, de amor, só assim, nela se acende o desejo em labaredas e em febre, não havendo então mulher como Tereza. (AMADO, 1972, p. 171)

Em sua estréia no cabaré Paris Alegre, em Aracaju, Tereza conhece Januário Gereba no meio de uma briga. Ela defendia uma mulher que apanhava de um homem, ele a salva da ir presa pela polícia. Janu é mestre de saveiro na Bahia, um homem forte, negro, grande e que lhe dá uma sensação de segurança e de definitivas certezas. Tereza não conhecia o mar e Januário era um homem do mar, queimado pelo sol e pelo vento do mar, com cheiro e gosto de maresia. Ele falava para Tereza sobre a Bahia, a cidade nascida no mar, o cais do porto etc. Apesar de todas as diferenças, Janu lembrava o doutor Emiliano Guedes em sua inteireza de homem. O saveirista e Tereza se apaixonam à primeira vista, mas Januário é casado e não pode se separar da mulher porque ela está doente. Mas eles não resistem à paixão que sentem um pelo outro e acabam fazendo amor na praia, numa cena marcada de lirismo romântico, em que a protagonista renasce nas ondas do mar:

Era o mar infinito, ora verde, ora azul, verdeazul, ora claro, ora escuro, claroescuro, de anil e celeste, de óleo e de orvalho e, como se não bastasse com o mar, Januário Gereba encomendara lua de ouro e prata, lanterna fncada no alto dos céus sobre os corpos embolados na ânsia do amor; eram dois ao chegar, são um só, nas areias da praia encobertos por uma onda mais alta. [...] Tua boca de sal, teu peito de quilha, em teu mastro vela enfunada, na coberta das ondas nasci outra vez, virgem marinha, noiva e viúva de saveirista, grinalda e espumas, véu de saudade, ai, meu amor marinho. (AMADO, 1972, p. 38-39)

Janu também será uma espécie de mentor para Tereza, pois ensiná-lhe a capoeira, o samba, as danças de carnaval e a gafieira. Januário será o grande amor da vida de Tereza Batista, em sua despedida nas areias da praia: “[...] ela se acolhe ao peito do homem para quem nasceu e tarde encontrou [...]” (AMADO, 1972, p. 52). Januário parte para a Bahia, prometendo a Tereza retornar para ela assim que possível. Para fugir de propostas indesejadas de homens

ricos, de ameaças e perseguições, Tereza vai para uma pequena cidade do interior chamada Buquim, com o médico Oto Espinheira. Logo se arrepende de ter acompanhado o médico, pensa que seria melhor ser mulher-dama que suportar o doutorzinho, além disso, seu coração só batia mesmo por Janu. Um surto de bexiga assola a cidade, com a fuga da enfermeira e do médico Oto Espinheira, Tereza e as prostitutas de Muricapeba vacinam o povo e ajudam os doentes, acabando com a epidemia da bexiga. Este capítulo é narrado à maneira de um romance de cordel, no capítulo “ABC da peleja entre Tereza Batista e a bexiga negra”. Depois disso, Tereza trabalha como prostituta pelo sertão até chegar a Salvador, em busca de seu grande amor. Vive da prostituição, porque não quer ser mantida por homens ricos, para ela era melhor ser prostituta que amásia, embora não sentisse prazer com os clientes. Já em Salvador, no bordel Flor de Lotus, conhece o viúvo Almério das Neves, dono de uma padaria em Brotas, com um filho de dois anos e meio, que lhe propõe casamento. Na esperança do retorno do marinheiro Januário, Tereza recusa o pedido. Fica sabendo da morte da mulher de Janu e que ele partira para Aracaju para encontrá-la. Mas como lhe informaram que ela havia morrido na epidemia da bexiga, ele partiu novamente num cargueiro grande e desde então ninguém tinham notícias dele. Enquanto espera a volta de seu amado, Tereza fica sabendo pelas prostitutas que a polícia quer mudar todos os prostíbulos da cidade para a Ladeira do Bacalhau, na Cidade Baixa. No capítulo “A festa do casamento de Tereza Batista ou A greve do balaio fechado na Bahia ou Tereza Batista descarrega a morte no mar”, o autor ressuscita o poeta baiano Castro Alves para sair em defesa das prostitutas, que não tinham o direito nem de decidir onde viveriam:

Quando uma puta se despe e se deita para receber homem e conceder-lhe o supremo prazer da vida em troca de paga escassa, sabe o ilustre combatente da justiça social quantos estão comendo dessa paga. Do proprietário da casa ao sub-locador, da caftina ao delegado, do gigolô ao tira, o governo e o lenocídio. Puta não tem que a defenda, ninguém por ela se levanta, os jornais não abrem colunas para descrever a miséria dos prostíbulos, assunto proibido. [...] Sou o poeta Castro Alves, morto há cem anos, do túmulo me levanto, na Praça de meu nome e monumento, na Bahia,

assumo a tribuna de onde clamei pelos escravos, no Teatro São João que o fogo consumiu, para conclamar as putas a dizer basta. (AMADO, 1972, p. 293-294)

A mudança seria feita para beneficiar parentes do delegado e para esconder dos turistas e das famílias a prostituição existente na cidade. Este e outros episódios permitem a revelação ocasional da realidade exterior, levando a protagonista e os leitores a refletir sobre questões como o preconceito existente na sociedade e sobre a marginalização de toda uma classe de mulheres. Tereza comanda a “greve do balaio fechado” e as prostitutas conseguem permanecer em suas casas, após enfrentarem a polícia. Tereza é presa junto com outras prostitutas e depois de apanhar muito é solta, graças à intervenção do amigo Vavá. Após se recuperar do espancamento, Tereza fica sabendo do naufrágio do cargueiro onde estava Januário Gereba, e pensa ter ele morrido com os outros marinheiros. Tereza decide enfim aceitar a proposta de casamento de Almério das Neves. No dia do seu casamento, Tereza está triste, em frente ao espelho reflete sobre sua vida:

[...] Tereza vê-se refletida no aço do espelho pelo direito e pelo avesso. [...]. Recorda acontecimento e pessoas, fatos distantes, gente desaparecida. O doutor, o capitão, Lulu Santos, o menino arrancado de seu ventre, assassinado antes de ser. Os tempos de cadeia, os tempos de bordel, a época de Estância, lugares por onde andou, o ruim e o bom, a taca de couro e a rosa. Quantos anos completara há poucos meses no xadrez, presa e surrada pela polícia de costumes da Bahia? Vinte e seis? Não pode ser. Quem sabe, cento e vinte e seis, mil e vinte e seis ou ainda mais? Na hora da morte não se conta idade. (AMADO, 1972, p. 366)

O casamento representa aqui uma forma de ter uma vida estável financeiramente falando, mas não é desejável sem amor. Se o livro acabasse com o casamento de Tereza e Almério, *Tereza Batista cansada de guerra* seria um exemplo de *Bildungsroman* fracassado, pois a protagonista está sem esperanças, morta por dentro. Porém, no momento em que Tereza está terminando de se arrumar para o casamento, Januário chega e Tereza vai embora com ele num saveiro pelo mar da Bahia. Tereza nasceu no sertão entre a Bahia e Sergipe,

numa terra seca, que sofre com a escassez de chuvas, sua viagem final pelo mar se contrapõe ao lugar de onde veio. Há uma oposição entre o sertão e o mar. Ela é do interior, que se opõe a Salvador, capital da Bahia, com seu cais do porto e seu mar. Mas Tereza se adapta ao meio em que passa a viver com Janu, o mar é para ela um lugar de renovação, aliás, a água está presente em todos os momentos importantes da vida de Tereza, renovando-a e indicando mudanças importantes em sua trajetória pessoal. Acompanhando a história de vida da protagonista: “[...] o leitor toma conhecimento do seu desenvolvimento emocional e intelectual e do processo de formação de sua personalidade. [...]”. (PINTO, 1990, p. 62).

Mesmo nos momentos de maior adversidade, Tereza decide seu próprio destino, rejeitando padrões sociais. Apesar de existirem vários *Bildungsroman fracassados*, exclusivamente com protagonistas femininas, no romance de aprendizagem de Tereza Batista cansada de guerra, a personagem rompe com as limitações sociais e consegue a independência e a afirmação pessoal, assumindo uma posição marginalizada na sociedade, mas livre, capaz de fazer suas próprias escolhas. O final, apesar de indeterminado, aponta para a possibilidade de realização de seus desejos numa história que está fora do livro, que será desenvolvida na mente dos leitores. Na viagem final, Tereza descarrega a morte do capitão e do doutor Emiliano Guedes no mar da Bahia. Mais uma vez, Janu será o mentor de Tereza, ajudando-a a se livrar dos seus mortos, ensinando-a a guardar consigo só as coisas boas e a deixar o mar levar tudo de ruim que aconteceu em sua vida. Por ser um homem do mar, fonte de renovação da protagonista, ele será responsável pelo renascimento de Tereza. Ressuscitada para a vida, Tereza pensa no filho que abortou e pede a Janu que lhe dê outro, simbolizando assim o renascimento e o início de uma nova vida em direção à felicidade e à auto-realização plenas. A viagem pelo mar “[...] indica a possibilidade de vitória, de conquista e afirmação do EU pela protagonista, e a imagem da morte surge associada à promessa de renascimento [...]” (PINTO, 1990, p. 87).

Tereza Batista cansada de guerra é um exemplo de *Bildungsroman* vitorioso, pois a protagonista rejeita:

[...] os padrões de comportamento e modos de relação determinados pela sociedade, recusando uma “integração” no grupo social a favor da verdadeira integração do EU. [...]. No entanto, eles [romances de aprendizagem] atuam também como possíveis catalisadores de futuras transformações sociais, ainda que lentas, pois eles estabelecem modelos de comportamento que o público leitor e a sociedade em geral podem, pouco a pouco, aceitar e seguir. (PINTO, 1990, p. 150).

No final do seu aprendizado a protagonista encontra a verdade de si e do Outro, aceitando a si própria com todas as suas contradições. O livro aborda problemas enfrentados pela mulher durante o processo de desenvolvimento emocional e psicológico, desde a infância até a idade adulta. Neste caso, a protagonista enfrenta problemas mais complexos e difíceis de superar. Precisa lidar com o abandono familiar, com o abuso sexual infantil, com o assassinato de seu algoz, com a hipocrisia da sociedade local, é marginalizada, prostituída etc. A discussão destes problemas permite abordar questões que dizem respeito ao grupo social feminino. Jorge Amado, através de uma linguagem clara e direta, busca contribuir com a transformação social. Trazendo à tona a história destas meninas estupradas e prostituídas pela sociedade que deveria protegê-las. Tereza representa um novo modelo de comportamento feminino, ainda mais fora dos padrões, por se tratar de uma personagem marginalizada pela sociedade por ser mulher, pobre, nordestina, mulata etc. Sua história serve para mostrar aos leitores o ponto de vista de pessoas que nascem na “classe baixa” da sociedade nordestina e brasileira. Ao romper com as limitações impostas pela sociedade, ela representa também o rompimento com o modelo narrativo de *Bildungsroman* fracassado. Tereza Batista é das mais fascinantes heroínas de Jorge Amado, talvez a mais completa, pois reúne os atributos de todas as anteriores. Uma protagonista mulata, que engravida e encontra o amor, quebrando o estereótipo da mulata na literatura brasileira. Uma mulher que luta pelos seus ideais, que não se

conforma com injustiças, que não desiste nem mesmo diante das maiores adversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge Amado, em sua obra, faz muitas referências à formação histórica do Brasil, trazendo a mestiçagem cultural e biológica como uma das maiores virtudes de nosso povo. A riqueza cultural brasileira viria justamente desta herança. Na década de 30, através de sua literatura popular e mestiça, recuperou características que diferenciavam o Brasil de outros países, elementos como o futebol, a capoeira, o candomblé, o samba etc. Assim exemplificou para o mundo e para os próprios brasileiros o que caracterizava o Brasil como nação. O autor misturou ficção e realidade em suas narrativas, suas personagens são tiradas das ruas de Salvador e de fatos históricos. Esta relação é tão complexa que não é possível saber se Jorge Amado inventou imagens do povo brasileiro ou só representou em seus livros. A primeira fase de sua obra é marcada pelo viés político partidário.

A figura feminina sempre esteve presente em seus livros, mas esta configuração torna-se mais marcante a partir da segunda fase de sua literatura. As personagens femininas representadas nas narrativas de Jorge Amado são mostradas como mulheres fortes, corajosas, capazes de modificar a sociedade, de provocar mudanças importantíssimas na hierarquia social. A partir de *Gabriela, cravo e canela*, Jorge Amado intensifica a figura feminina em sua obra, criando personagens que podem ser facilmente encontradas fora dos livros. Jorge Amado era um autor preocupado em aproximar realidade e ficção, por isso suas histórias são baseadas em vivências reais, denunciando a situação da mulher na sociedade nordestina machista. Em *Gabriela*, temos os dramas e lutas não só de mulheres do povo, mas de mulheres de outras classes sociais, o que mostra que o autor já não apresenta uma visão maniqueísta do mundo, adota uma visão mais universal do ser humano.

Tereza Batista cansada de guerra narra a trajetória de uma heroína afrodescendente desde sua infância até a idade adulta, mostrando o desenvolvimento intelectual e emocional da protagonista, o que faz deste romance um *romance de aprendizagem* feminino. Apesar de apresentar muitas características presentes na “mulata” configurada

pela literatura brasileira desde Gregório de Matos, a protagonista se diferencia por vários fatores. Ao contrário de outras personagens afrodescendentes, Tereza é capaz de gerar um filho, e o casamento aqui já não se apresenta como algo impossível de acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ivia. “Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade”. In: *IMAGENS DA MULHER NA CULTURA CONTEMPORÂNEA*. SALVADOR: NEIM/UFBA, 2002.

AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. Livraria Martins Editora. São Paulo, 1972.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. “Representações do feminino”. In: *CADERNO DE LEITURAS: A LITERATURA DE JORGE AMADO*. Companhia das Letras, 2008.

CANDIDO, Antonio. “Poesia, documento e história”. In: *Brigada Ligeira*. Livraria Martins Editora, 1945.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DAMATTA, Roberto. “Do país do carnaval à carnavalização: o escritor e seus dois brasis”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, março de 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Classe, gênero, etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, março de 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. In: *TERRA ROXA E OUTRAS TERRAS – Revista de Estudos Literários*, volume 17-A (dez. 2009).

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. “A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado”. In: *CADERNO DE LEITURAS: A LITERATURA DE JORGE AMADO*. Companhia das Letras, 2008.

JUNIOR, Benjamin Abdala. “Dona Flor, em longa-metragem”. In: *Gênero e representação na literatura brasileira: ensaios*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002.

LUCAS, Fábio. “A contribuição amadiana ao romance social brasileiro”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, março de 1997.

PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman Feminino: Quatro Exemplos Brasileiros*. Editora: Perspectiva, 1990.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1975.